

HISTÓRIA DE ÁFRICA – SEMINÁRIOS CENTRO DE HISTÓRIA-LISBOA

WORKSHOP INTERNACIONAL HISTÓRIA DE MOÇAMBIQUE: NOVAS ABORDAGENS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

29 DE MAIO DE 2019

SALA 2.13

14.30-16.30: SESSÃO 1

Moderadora: Eugénia Rodrigues

«Que coma, que deixe comer, que dê para comer»: tráfico e abolição na Ilha de Moçambique (1820-1840)

Maria Bastião

Escravidura e o conceito da “família” Wayao no século XIX: estudos dos distritos de Mwembe e Majune em Niassa

Agostinho Molesse

Gamboa: a principal armadilha da pesca artesanal em Moçambique

Mário Cumbe

16.30-17.00: PAUSA

17.00-19.00: SESSÃO 2

Moderador: Carlos Almeida

Autoridade política da FRELIMO no Niassa (1962-1975)

Tomé Morais

A construção do estado em Moçambique: relações de poder e conflito entre a Renamo e Frelimo de 1975 a 2018

Bento Neves

A Rainha das Rainhas (Ynkhosi Ya Makhosi) de Angónia, Macanga e Tsangano no exercício do poder (2013 a 2018)

Maria da Conceição da Costa Xavier Justino

Organização: Carlos Almeida | Eugénia Rodrigues | José da Silva Horta



LETRAS
LISBOA



REPÚBLICA
PORTUGUESA



RESUMOS

«Que coma, que deixe comer, que dê para comer»: tráfico e abolição na Ilha de Moçambique (1820-1840)

Maria Bastião
Universidade de Leiden e CHAM, FCSH-UNL/UAç

Datam dos anos 1839-1840 as primeiras tentativas de fazer aplicar em Moçambique o decreto de 10 de Dezembro de 1836 que proibia o tráfico negreiro em toda a Monarquia portuguesa, impondo penas tanto para aqueles que o praticassem como para as autoridades com ele coniventes. Não obstante, essas primeiras tentativas esbarraram na obstinada resistência de uns e outros e é particularmente evidente nesta cronologia a convivência entre negreiros e autoridades coloniais. Segundo Joaquim Pereira Marinho, um dos poucos governadores que tentou aplicar o decreto, «para um governador ser bom e durável é preciso que satisfaça três condições: que coma; que deixe comer; que dê para comer». A partir da observação das dinâmicas sociais e políticas dos negreiros da Ilha de Moçambique entre 1820 e 1840, esta comunicação pretender contribuir para uma análise mais fina da questão escravista, dada a manifesta insuficiência de estudos dedicados aos negreiros estabelecidos nos portos de embarque e desembarque de africanos escravizados. A análise apoiar-se-á em documentação manuscrita coligida nos arquivos portugueses e moçambicanos.

Palavras-chave: Moçambique; 1820-1840; tráfico; abolicionismo; negreiros; autoridades coloniais.

Escravidura e o conceito da “família” Wayao no século XIX: estudos dos distritos de Mwembe e Majune em Niassa

Agostinho Molesse
Universidade Pedagógica de Maputo e Universidade Rovuma

No século XVIII e no começo do século XIX, no norte de Moçambique, o conceito de família Wayao desenvolveu um significado particular, abrangendo cativos sem laços sociais para recriar sua cultura e identidade. Assim, as relações familiares Wayao não se restringiam só ao nível de homem, mulher, filhos(as), sobrinhos(as), primos(as), tios(as), ou seja, ao nível do grupo matrilinear (de irmandade uterina ou mbumba), geralmente sob a autoridade do irmão vivo mais velho (asyene mbumba) e conjuntamente chefe da aldeia, mas, igualmente, aos novos membros da família, os cativos. Desse modo, pretende-se compreender o conceito de família construído no processo das relações Wayao no século XIX, nomeadamente como a organização social se articulou com a escravatura, o tráfico de escravos e a formação de unidades políticas mais vastas dominadas por chefes guerreiros e comerciantes. Assim, as categorias de análise são família, Wayao, escravatura, escravos e tráficos dos escravos, pois é relevante analisar os papéis destas categorias no processo do desenvolvimento sócio-económico e político da sociedade Wayao.

Palavras-chave: família; Wayao; escravatura; tráficos de escravos

Gamboa: a principal armadilha da pesca artesanal em Moçambique

Mário Cumbe

PIUDHist e Universidade Eduardo Mondlane

A pesca é uma atividade praticada na região do Oceano Índico desde períodos remotos, com propósitos de subsistência e, mais recentemente, desportivos e comerciais. Em Moçambique, a prática da pesca, com influências multiculturais ancestrais, era exercida na costa, nas ilhas, nos rios e nas lagoas, em diferentes épocas do ano através de uso de diversas artes. Entre outras técnicas de pesca artesanal usadas no século XX, a gamboa é uma armadilha feita de materiais disponíveis no meio natural desde caniço, bambu, mangal, formando estacadas entrelaçadas por redes de sisal e, posteriormente, de rolos de arame. A montagem era simples e a sua construção tinha custos reduzidos. A facilidade da sua construção e montagem permitia a participação de todos os membros da família desde homens, mulheres e crianças, nas várias etapas (construção, montagem e recolha do pescado). Em termos ambientais, a utilização de gamboas não produzia tantos efeitos nocivos no ecossistema marinho quanto aqueles que são provocados pela pesca semi-industrial e industrial dos nossos dias, porque todo o material usado para a sua construção era natural, portanto, biodegradável. Com efeito, na pesca semi-industrial e industrial, os avanços tecnológicos, fruto da industrialização, têm como base o uso de material metálico, redes de fibras sintéticas e a motorização das embarcações que têm prejudicado os recursos pesqueiros de diversas formas, nomeadamente pela difusão dos microplásticos.

Palavras-chave: pesca artesanal; gamboa; meio ambiente; Oceano Índico.

Autoridade política da FRELIMO no Niassa (1962-1975)

Tomé Morais

Universidade Pedagógica de Maputo e Universidade Púnguè

Na região do Niassa, a norte de Moçambique, o discurso revolucionário de libertação e a construção da autoridade da FRELIMO (fundada em 1962 em Dar es Salaam) teve de se inserir num meio social onde pré-existiam e se desenvolveram discursos políticos de libertação anticolonial mercê do contacto com os vizinhos Tanganica e Niassalândia, já independentes. Estes discursos foram introduzidos por diversos militantes da FRELIMO, que foram criando e replicando núcleos clandestinos pelo distrito, sobretudo nas escolas e missões religiosas, rompendo assim as barreiras das diferentes forças de segurança do estado colonial espalhados pela região. Esta comunicação pretende analisar a forma como os militantes da FRELIMO foram implantando a autoridade deste movimento na actual província do Niassa, combinando um conjunto de estratégias de acordo com as circunstâncias. Por um lado, eles empenharam-se em fortificar a sua credibilidade e a sua imagem junto da população, nomeadamente através de acções de sensibilização junto das autoridades tradicionais, de reuniões clandestinas com as comunidades, da propaganda feita através de cartazes espalhados nas comunidades da então Vila Cabral e do uso de emissoras radiofónicas, localizadas, na sua maioria, na actual Tanzânia, para denunciar as atrocidades cometidas pelas autoridades coloniais e anunciar o sucesso das suas próprias campanhas militares. Ao mesmo tempo, promoviam o aliciamento de jovens para engrossar as suas fileiras. Por outro lado, eles também recorreram à coerção e até ao recrutamento compulsivo de jovens para o seu exército.

Palavras-chave: luta de libertação; FRELIMO; construção da autoridade.

**A construção do estado em Moçambique:
relações de poder e conflito entre a Renamo e Frelimo de 1975 a 2018**

Bento Neves
Universidade Pedagógica de Maputo

A Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) liderou a luta de libertação em Moçambique e, em 1975, conquistou a independência face ao colonialismo português. Por conseguinte, assumiu-se como legítimo representante do povo, sem necessidade de realização de eleições, e estabeleceu um Estado monopartidário. Em oposição à Frelimo, foi criado o movimento Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), que, em 1976, desencadeou uma guerra civil que durou até 1992. Desde a transição para a democracia multipartidária em 1990 e as primeiras eleições gerais em 1994, os processos eleitorais têm sido profundamente contestados pelos partidos Renamo e Frelimo. No Estado moçambicano, houve uma reconfiguração que abriu espaço para os compromissos institucionais como eleições livres e o aparecimento de uma multiplicidade de partidos políticos, mas não mudou a essência da Frelimo como partido dominante. Depois de mais de 20 anos de gestão e mediação do conflito no ambiente multipartidário, verificou-se o retorno à violência armada em 2013. Perante esta questão, a pesquisa levanta a seguinte pergunta: como é que as relações de poder e conflito entre a Renamo e a Frelimo actuaram no processo de construção do Estado-Nação em Moçambique? Estudar o conflito entre a Renamo e a Frelimo é importante porque permite elaborar análises que possibilitam situar o tipo de democracia construída na sociedade moçambicana.

Palavras-chave: conflito; poder; democracia.

**A Rainha das Rainhas (Ynkhosi Ya Makhosi) de Angónia, Macanga e Tsangano
no exercício do poder (2013 a 2018)**

Maria da Conceição da Costa Xavier Justino
Universidade Pedagógica de Maputo

Nas últimas décadas, a investigação sobre a história de África tem mostrado que, ao longo do tempo e em diversas sociedades, as mulheres ocuparam cargos políticos, foram rainhas, conselheiras, guerreiras e líderes espirituais. Em relação a Moçambique, a literatura recente sobre as mulheres tem explorado alguns destes papéis para certos períodos e regiões do país. Neste contexto, a presente comunicação investiga o poder exercido por uma mulher no cargo de Ynkhosi Ya Makhosi, “Rainha das Rainhas”, num espaço Ngoni, na província de Tete. Historicamente, o estatuto de Ynkhosi Ya Makhosi entre o povo Ngoni estava reservado somente ao género masculino pelo que a escolha de uma mulher para assumir essa posição, em 2013, suscitou interesse em nós para a presente pesquisa, procurando comprovar a sua legitimidade. A nível teórico trazemos para a discussão dos conceitos de “poder”, de Max Weber, e de “género”, de Joan W. Scott, para a compreensão do exercício do poder da Ynkosi Ya Makhosi nos distritos de Angónia, Macanga e Tsangano, incluindo as suas relações com outras chefias Ngoni.

Palavras-chave: mulher; poder, relações de género.